

PATRIOTA



com este titulo que hoje apresentamos aos nossos leitores a pagina burlesca.

E' com este titulo que se appella um aparelho ha pouco introduzido no nosso paiz.

Mademoiselle Dictadura, velha rafo-

na, e que caminha a passos agigantados para o progresso retrogrado, trouxe a patria do BURLESCO um processo chimico para destillar todas as fantasias de sua auctoridade.

Quer por exemplo destillar sardinhas fritas; deita-as no lambique, e sahe essencia de sardinhas.

Quer destillar a nossa paciencia; ella mettida no lambique, e logo a banho maria sahe uma caricatura.

Quer destillar o Rebellinho; elle no aparelho, e cataventos sahem logo em mais abundancia que os que Saint-Hypolyte deu em uma das suas ultimas funcções, etc. etc., etc.

Finalmente, temos eternamente destillação, e em quanto as retortas não estallarem, e o fogo se conservar na mesma temperatura, ahi tereis fartança de novidades.

O anno de 1852 foi feito expressamente para estas grandes cousas, e nós como felizmente temos o gosto de viver debaixo da sua influencia, vamos indo com a moda; mas tambem nos lembramos ter ouvido dizer muitas vezes — ESTA MODA HADE-SE ACABAR.

As virtudes theologaes são tres — Fé, Esperança, e Caridade.

Explicação.

Fé na Rapoza. Esperança nas Contribuições. Caridade no Decreto de 3 de Dezembro.

Los circulos bicudos, e quadrangulares do Chiado, falla-se em mudança de ministerio; e consta que Luiz Augusto, que, com suas graças, sabe *capar* a todos, se offerecera para tomar conta de todas as pastas, incluindo até as que os livreiros teem para vender.

DOIS CAPADORES,

COMEDIA EM 1 ACTO.

ACTORES.

Rebellinho.
Soares.

O theatro representa o interior de um quarto decentemente ornado de cataventos; é o quarto de Rebellinho.

Ao levantar o panno está Rebellinho sentado, tocando berimbau.



Rebellinho. — Vejo que não tenho má embocadura, toco n'este innocente instrumento variações tão bem desempenhadas, que quem não souber, de certo julga ser um Saxofone, ou corneta d'apiston. Agora é mister ensaiar a gaita de capador. (Põe o berimbau de parte, e toma a capadeira). Vejamos — dó — fá — sol — dó — lá — sol — sol — ré — dó — Pauza. Dó — ré — mi — mi. — Oh! com 600 diabos, que ia entoando o hymno da Maria da Fonte! Com este não se pôde capar. Vai muito torta! Ora, se eu pudesse desempenhar as altas funcções do meu ministerio sem tocar gaitinha? Mas é o diabo, não tem graça. E como me heide ensaiar no resto, se nem ao menos tenho em casa um gato? Não importa, eu heide por força aprender. — (Ouve-se dar meia noite). Meia noite? vou-me deitar. (Vai para a cama, senta-se e reza). Beato Rodrigo, advogado contra a sarna, canelladas, uzagre, e dentadas de raposas; fazei, senhor, que por intercessão vossa, eu seja esta noite livre de pulgas, percevejos, do *Burlesco*, e de todos os viventes, por quem de continuo sou seringado. Amen. (Deita-se o ressona. Ouve-se tres pancadas na porta da rua). Que diabo de seringação é esta? (Outras tres). Vai tortissima, não me deixam descançar. (Outras tres ainda mais fortes). Quem será? (Ouve-se arrombar a porta, e entra uma senhora com muita precipitação).

Rebellinho. — Que pouca vergonha é esta? Arrombar-me a porta, e entrar em minha casa a estas horas sem minha licença? Vou gritar (encaminha-se para a janella, mas é detido pela senhora, que lhe diz):

Senhora. — V. S.ª não é o sr. L. Augusto, de quem a fama por cem trombetas canta ser o melhor capador d'esta aldeia?

Rebellinho. — E' verdade, e então que tem isso?

Senhora. — Então socegue-se, já que eu ha tres noites o não posso fazer, em consequencia de ter um maldito gato, que cada dia está mais insupportavel, e disse-tam-me que V. S.ª era a unica pessoa que mais dextramente lhe cortava as orelhas, restituindo me d'esta fórma ao meu descanço! Peço-lhe, senhor, pela sua saude, me faça este favor, eu pagarei o que disser, mas descançe-me pela sua saude...

Rebellinho. — Ora esta é que me faltava! Pois eu que apenas ando estudando o 1.º anno, já querem que faça operações! Isso é impossivel. Quem lhe disse semelhante calumbia?

Senhora. — Foi um visinho meu que disse ter-lhe ouvido no *Rocio* contar isso a um seu amigo; e como precisava, trazia-lhe aqui o gato para m'o arranjar.

Rebellinho. — Ah, grandissimos cachorros, que andam mangando comigo! Já sei quem foi, mas deixe estar que eu me vingarei. Tenha a bondade de ir para sua casa, e não tornar mais a procurar-me para semelhantes cousas.

(A senhora tira o chaile, a touca, e o vestido, e fica o Soares, tão real e perfeitamente como esteve ao pé d'elle em S. Bento.)

Rebellinho (dando uma gargalhada). — Ora esta, quem havia dizer tal, então como estás tu? (Soares não responde, e olha-o com seriedade). Que é isso? Que tens? Não respondes? Emmudeceste?

Soares (com voz pausada e forte, e muito serio). Não me seringue — não seja tolo — vá vender pasteis de bacalhau — leia e... trema!... (tira da algibeira um papel, e entrega-lho).

Rebellinho (lendo). — Soares, reconsidere. O Luiz Augusto tem mais que fazer, e quem faz tudo, não enche fuзо, e então *capa* tu o decreto, e diz-lhe que não lhe faltará hora em que morra. Peço-te que arranjes isso como deve ser, conta comigo, e o que está para vir a Deos pertence. Ah! que grandissima rapoza! (Cae desmaiado sobre uma cadeira; Soares sae mysteriosamente, levando-lhe o berimbau e a capadeira).

Rebellinho (tornando a si). Que foi isto? Um sonho horrivel!... Ah! Já sei... Uma mãe não mata seu filho, mas seringa um capador!... Estou bem seringado... Não importa... Mas que vejo?... E' dia, vou tocar a arvorada... (olha para a mesa). Ah! maroto, que me levaste o meu rico berimbau, que era tão afinado e forte, que parecia mesmo um fagote! Isto é peor que morrer 900 vezes! Venha a morte com o seu serrote escangalhar-me o pescoco! Venha a tumba dos gatos pingados! Venha o coveiro! Venha o porteiro do cemiterio! Venha tudo quanto quizer, que eu vou esperar para a cama. (Vai deitar-se, e cáe o panno).

